



Grupo Parlamentar

CDS - PP

Nº 607-VII
P.º 50.04.02
Data : 08/04/2003

Senhor Presidente;
Senhoras e Senhores Deputados;
Senhora e senhores membros do Governo;

Afinal Bruxelas não o quis.

Afinal de contas, o Presidente do Governo Regional dos Açores fica, até 2004, porque não recebeu nenhum convite de Bruxelas.

Certamente não pretenderei aqui tecer comentários sobre factos que dizem respeito à vida interna do Partido Socialista: tão só aquilo que se prende com o exercício do cargo de Presidente do Governo dos Açores.

Reflectir na Casa Mãe dos Açores se este ainda é um Presidente por opção ou apenas porque não se concretizou essa eterna obsessão: um alto cargo de prestígio internacional.

Não teceremos comentários à vida interna do PS até porque seria deselegante martirizar quem já vive momentos dramáticos de decadência e derrotas consecutivas.

Importa sim perguntar se os açoreanos querem continuar a ter um presidente cansado, desgastado e em compasso de longa espera para partir para o coração da Europa.

Bruxelas teima em não o querer ainda. E o nosso povo ainda o quererá?

Não parece ser grande essa vontade, ou se o é, é segredo, porque na prática ninguém a ouve.

Então, diz-se que o Presidente do Governo dos Açores vai-se embora e não há uma única alma que tenha dito: não. Fique. Não parta que nos faz cá muita falta.

Já nem digo uma manifestação de apoio frente a Santana: tão só uma voz na rua; uma opinião na imprensa; ou até um fiel camarada a apelar à continuidade.

Nada. Nada disto aconteceu.

Pelo contrário.

Até os mais próximos cedo correram a dizer que ninguém é insubstituível, que só fique quem tiver essa vontade.

Pelo contrário.

Rei morto, rei à vista.

Pelo contrário.

O tabu da saída caiu até como uma possibilidade de salvação, de criar uma nova dinâmica, de esquecer o desgastante passado de 7 anos em decadência, de abrir espaço a novos protagonistas, de não ter de responder em 2004 pelos erros que perduram desde 1996.



Grupo Parlamentar

CDS - PP

Mas assim não foi. E para a democracia, bem bom que assim não foi: é essencial que, em 2004, não haja desculpas, nem bodes expiatórios.

É este Governo, o seu projecto, ou a falta dele, e o seu rosto principal que têm de ser julgados em 2004.

Senhor Presidente;
Senhoras e senhores deputados;

Estamos precisamente a um ano e meio do fim do mandato deste Governo. Para a história ficará gravada a oportunidade que, por uma única vez, na história dos Açores, o povo deu aos socialistas de governar em maioria absoluta. Teve tudo ao seu alcance, mais não fez porque não quis ou não foi capaz.

É tempo de começar o balanço deste modelo de governação, em fim de ciclo. Até para que, no futuro, não se possa dizer que a maioria absoluta dos socialistas já nada tem a ver com o estado em que ficará a Região em 2004.

Desde logo na nossa economia.

O tempo em que o Governo era gabado por pagar a tempo e horas os incentivos à iniciativa privada e os simples pagamentos do que compram e encomendam, à dinamização da nossa economia e do investimento, foi, infelizmente, sol de pouca dura.

À iniciativa privada e ao investimento público, milhões e milhões foram anunciados, mas a verdade é que somos, infelizmente, cada vez mais, a Região mais pobre do País. Apesar das favoráveis condições económicas que estiveram ao alcance da Região nos mandatos dos governos socialistas, a verdade é que ficamos na mesma: nem criação de riqueza, nem perspectivas de vingarmos nos sectores económicos a que o nosso povo já se habituava a dedicar-se.

Algum dia esteve, porventura, tão mal a nossa agricultura?

O processo desastroso com que este Governo empurrou os nossos lavradores para o drama profissional e familiar tem de chamar à responsabilidade aqueles que transformaram, a principal actividade económica dos Açores, no maior caos social e na principal fonte de transformar milhares de açoreanos empenhados em esquecidos do sistema, condenados à sua sorte, desiludidos com esse sonho de ser parte integrante da vontade de crescer e de criar um futuro risonho às novas gerações que geraram, criaram e estimam.

E as pescas?

Questões partidárias à parte, haverá porventura algum socialista que se orgulhe verdadeiramente de chegar, nos dias que correm, junto de um pescador e dizer que pertence ao mesmo Partido daqueles que nos últimos anos têm decidido o seu futuro.

A quantos pescadores, quantos dos quais embalados também pela demagogia socialista, resta-lhes apenas a desilusão de uma vida que condenaram ao insucesso.

Nem se diga que não há meios. Nem os fundos europeus este Governo foi capaz de executar. Veja-se o grau de execução dos apoios à renovação da frota pesqueira. Nem sequer é pouco: é zero.



Grupo Parlamentar

CDS - PP

Vamos então àquilo que este Governo entendeu como o futuro: o turismo. Muito bem, aqui sim estão de parabéns. Aqui sim estão de parabéns os empresários que acreditaram e investiram. E estará também de parabéns este Governo que percebeu que esse era o caminho que naturalmente crescia, que soube estar presente em todas as inaugurações e que, também se diga, apoiou condições ao investimento.

Mesmo assim continua esquecido esse pequeno período do ano, a que se chama Inverno, e que dura 8 dos 12 meses do ano. Mesmo assim falta vontade política para determinar qual é, afinal, a opção turística dos Açores. Se for apenas o turismo de massas certamente o futuro oscilará em parâmetros que desconhecemos e que os indicadores actuais levam a reflectir.

Qual o motivo, por mero exemplo, de numa altura em que ainda se estão a construir tantos hotéis, já haver indicadores preocupantes de descidas significativas do número de dormidas na Região.

Mas passemos também por outros equipamentos: obras públicas.

Se é verdade que já nem obras novas se avistam, que não seja pelo modelo de empréstimo juridicamente enquadrado a que tecnicamente se chamaram SCUT's, não é menos verdade que aquilo que facilmente se constata é que os equipamentos herdados continuam a apodrecer, devolvendo a muitas das nossas estradas um carácter mais primário que as canadas a que há tempos sem memória existiram no seu lugar.

Nem sequer nos referimos a obras megalómanas: tão só à manutenção das estradas que temos - àquelas que os nossos antepassados rasgaram a braços; que outros calcetaram a pulso; que o velho asfalto modernizou há alguns anos; e que este Governo deixa esburacar porque mesmo ali ao lado há uma pequena parte que já está arranjada.

Arranjar tudo são muitos quilómetros: é verdade. Mas não será o mesmo número de quilómetros de, em tempos muito mais difíceis, ter rasgado as mesmas estradas, ter calcetado as mesmas estradas, e ter asfaltado as mesmas estradas?

Restam pois as áreas sociais: mais saúde, melhor saúde – não – é o Governo quem o diz. Apenas o estado financeiro da saúde.

Certamente também importante: bastante importante. Mas afinal de contas quem é o responsável pelo desastroso estado em que este se encontra? Alguém, no seu perfeito juízo, acredita que este Governo, a um ano e meio do fim do seu mandato, vai salvar o que ajudou a enterrar em sete anos?

Finalmente, e não por último, nunca por último: aquela que deveria ser a primeira das prioridades: a educação.

Verdade seja dita: uma área onde algumas reformas positivas têm sido implementadas na Região, algumas até com coragem política.

Mas infelizmente só isso não basta. Era preciso que o Governo no seu conjunto tivesse vontade de investir a sério: em infra-estruturas e em equipamentos.

Veja-se por exemplo a Irlanda: o grande investimento partiu sobretudo dessa premissa – formação a sério para o seu povo. Aliás sem muitos doutores e engenheiros: sobretudo com quadros técnicos e profissionais preparados para fazer do País a Nação próspera em que hoje se transformou.



Grupo Parlamentar

CDS - PP

Senhor Presidente;
Senhoras e senhores deputados;

Deste Governo ficará a memória de uma dívida pública anual inigualável.

Deste Governo restará a imagem dos negociadores mais desastrados que Bruxelas conheceu.

Deste Governo ficará a certeza de que aquilo que diz o Governo, por princípio pode não ser verdade: a confirmá-lo está, ainda há dias, o triste episódio de desmentido de antigos camaradas da República quanto a falsos acordos que pretendiam justificar o aumento das tarifas da SATA.

Rebenta assim aquilo que restava aos socialistas açoreanos: a aparente postura de Estado do seu Presidente. A verdade falta, a vontade é pouca, e o sonho de Bruxelas estragou o resto.

Resta apenas aos açoreanos a opção entre apoiar a guerrilha com a República, ou criar condições para um entendimento maduro e dialogante entre a Região e o País.

Senhor Presidente;
Senhoras e senhores Deputados;

Poderia até parecer que deixávamos aqui a ideia de que tudo ia mal. Não é verdade. Ressalvamos o que estava bem. Sobretudo com a responsabilidade de quem sabe que em 2004 será o CDS indispensável à governação e ao futuro dos Açores.

Num novo ciclo.

Num caminho de esperança no futuro.

Com a mesma firmeza com que, no País, saram-se as feridas deixadas pelos socialistas.

Em nome do futuro que Portugal e os Açores bem merecem.

Horta, 08 de Abril de 2003

Paulo Gusmão